



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JAQUELINE LIRA RODRIGUES

**Contação de histórias na educação infantil: uma experiência na
prática docente**

**CAMPINA GRANDE – PB
2011**



JAQUELINE LIRA RODRIGUES

**Contação de histórias na educação infantil: uma experiência na
prática docente**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Patrícia Cristina de Aragão Araujo

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

R696c Rodrigues, Jaqueline Lira.
 Contação de histórias na educação infantil [manuscrito]:
 uma experiência na prática docente. / Jaqueline Lira
 Rodrigues. – 2011.
 46f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão
Araújo, Departamento de Educação”.

1. Educação infantil. 2. Prática docente. 3. Contação de
história. I. Título.

21. CDD 372

JAQUELINE LIRA RODRIGUES

Contação de histórias na educação infantil: uma experiência na prática docente

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

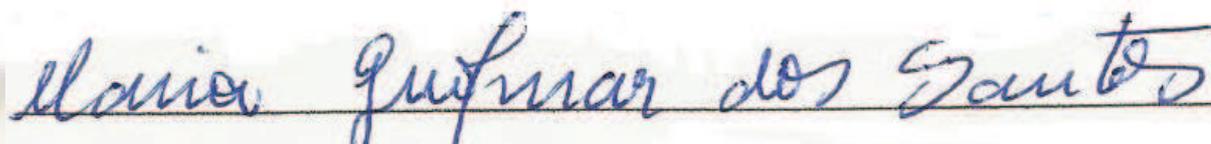
Aprovada em 29/11/2011.



Prof^a Dr^a Patrícia Cristina de Aragão Araujo
(DH/ CEDUC/ UEPB)
Orientadora



Prof^a. Dr^a. Zélia Maria de Arruda Santiago
(DE/ CEDUC/ UEPB)
Examinadora



Prof^a Ms Maria Gudmar dos Santos
(DE/ CEDUC/ UEPB)
Examinadora



DEDICATÓRIA

À minha mãe e ao meu filho bênçãos que Deus colocou na minha vida. Mãe a pessoa que me deu a luz duas vezes e que agradeço a cada dia que passa por existir em minha vida. Ao meu filho amor da minha vida, ser que é o sentido do meu existir. Enfim, a todas as pessoas da minha família que me ajudam em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

À professora Dr^a Patrícia Cristina de Aragão Araujo, pois no momento em que me encontrei mais desorientada, veio para me orientar e muito bem, por sinal. Agradeço pelas leituras sugeridas ao longo do estudo, pela dedicação, carinho, atenção e pela alegria com que sempre me tratou.

Ao meu pai Joilton (*in memoriam*) embora fisicamente ausente, sentia sempre sua presença ao meu lado, dando-me força assim como sempre fez durante o tempo em que estivemos juntos. Um pai sempre presente que, quando teve que partir deixou muitas saudades.

À minha mãe Goreti, por toda a ajuda ao cuidar do meu filho para que eu pudesse estudar e concluir este curso. Ao meu marido e a todos os meus familiares por me ajudaram sempre que podiam.

Aos professores do Curso de Pedagogia da UEPB, que contribuíram nesses quatro anos de muito estudo e esforço, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

As colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

À banca examinadora pela colaboração na leitura do meu trabalho.



“O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora.” (Richard Bamberger)

Resumo

Na educação infantil, o estímulo à aprendizagem através da utilização da literatura infantil na contação de história em sala de aula, pode propiciar modos e formas de educar que permitam aos alunos/as o ingresso no mundo da leitura. Assim, este trabalho tem por objetivo compreender a prática docente da professora na arte de contar história para crianças na Educação Infantil. Para tanto, utilizamos como abordagem teórico-metodológica os estudos de André (1995), Leardini (2006), Oliveira (2008) e Medeiros (2005). A pesquisa foi realizada em uma escola pública de educação infantil, na cidade de Massaranduba/PB, ambiente em que observamos, através de oficinas pedagógicas, a prática docente de uma professora na arte de contar história pela literatura infantil. O estudo permitiu visualizar a importância da literatura infantil e da contação de história para a motivação da aprendizagem das crianças, prática pedagógica que desperta a imaginação, desenvolvendo a leitura, a escrita e a oralidade entre as crianças. A pesquisa possibilitou identificarmos o quanto a ação pedagógica da professora observada propicia a criança o gosto pela leitura através da contação de história.

Palavras-chave: Educação infantil. Prática docente. Literatura infantil. Contação de história.

Abstract

In early childhood education, stimulating learning through the use of children's literature in storytelling in the classroom, can provide ways and means to educate students to enable /the entry into the world of reading. Thus, this study aims to understand the teacher's teaching practice in the art of storytelling for children in kindergarten. For this purpose, we used theoretical-methodological studies of André (1995), Leardini (2006), Oliveira (2008) and Medeiros (2005). The survey was conducted in a public school kindergarten in the city of Massaranduba / PB, the environment in which we observe, through educational workshops, teaching practice of a teacher in the art of storytelling through children's literature. The study allowed to see the importance of children's literature and storytelling for the motivation of children's learning, teaching practice that awakens the imagination, develop reading, writing and speaking skills among children. The survey also identified as the teacher's observed action gives the child a love of reading through storytelling.

Keywords: Early Childhood Education. Teaching practice. Children's literature. Storytelling.

Sumário

1-Introdução	11
2- A arte de contar histórias na Educação Infantil	
2.1 Prática docente na educação infantil	15
2.2 Era uma vez... A arte de contar história na literatura infantil	19
2.3 Nas trilhas da leitura e da escrita: a arte de contar histórias	26
3- Saberes e práticas da literatura infantil na arte de contar histórias: tessituras docentes na educação infantil	
3.1 A contação de história na Escola Municipal de Massaranduba: As artes de fazer da professora	30
3.2 Oficinas de contação de história: relatos de uma experiência pedagógica	34
4-Considerações Finais.....	39
5-Referências	41
Apêndice	45

1. Introdução

A arte de contar história é uma das mais antigas formas de expressão do ser humano, a partir da qual é possível expressar sentimentos, emoções, experiências, além de ser uma forma de transmitir culturas através das gerações.

As origens das histórias e os gêneros literários são diversos, assim como os tempos de sua criação são variados, mas todos possuem a mesma essência: a imaginação e o anseio de responder a alguns dilemas da alma humana, como o medo, a alegria, a angústia, as perdas, entre outros (LEARDINI, 2006, p.26).

Narrar histórias é um fato cotidiano, presente na vida das pessoas das mais diferentes classes sociais, sendo transmitido entre os antepassados, preservando o seu objetivo primordial. Para Leardini (2006, p.26) o ato de contar histórias é uma forma de “encantar crianças e adultos com a magia que representa”. Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998, v.3, p.143) “a leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu”.

Dessa forma, para promover a identificação com o universo retratado, contar histórias para crianças pequenas torna-se mais prazeroso a partir de algum tipo de ilustração: gravuras, desenhos, fantoches e a música, que também se mostra um instrumento muito interessante. Para Ferreira (2007, p.9) “as histórias ilustradas e cantadas são de grande incentivo e encantamento para torná-las mais atraentes e fáceis de serem assimiladas”.

Com este estudo, tentamos adentrar nesse mundo de fantasia, compreendendo a prática docente da professora na arte de contar histórias para crianças na Educação Infantil. Visamos observar suas estratégias para motivar a leitura e, conseqüentemente, a escrita, através dos recursos literários. Para tanto, buscamos alcançar alguns pontos, mostrar as possibilidades educativas da contação de história motivando crianças no aprender a ler e a escrever na Educação Infantil; além de identificar como essa prática mobiliza a compreensão da leitura e da escrita entre as crianças pequenas; e ainda verificar de que modo uma professora da Educação Infantil, numa escola pública de Massaranduba/PB, pode contribuir para dinamizar a aprendizagem.

A nossa preocupação, nesta pesquisa, foi investigar de que maneira a arte de contar história no contexto da Educação Infantil propicia o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita, e como a ação docente motiva essas práticas.

Este estudo foi motivado devido à nossa condição de professora, que nos impulsionou a observar a ação docente na sua relação com a literatura em sala de aula, e como esta poderia repercutir sobre o aluno aprendiz em relação às práticas de leitura e escrita. Segundo SISTO (2010, p.1),

Ao ouvir uma história, as crianças (e o leitor em geral) vivenciam no plano psicológico as ações, os problemas, os conflitos dessa história. Essa vivência por empréstimo, a experimentação de modelos de ações e soluções apresentadas na história fazem aumentar consideravelmente o repertório de conhecimento da criança, sobre si e sobre o mundo. E tudo isso ajuda a formar a personalidade! (SISTO, 2010, p.1)

Percebemos, dessa forma, o quanto é importante a literatura infantil no desenvolvimento da criança, no processo de aquisição da leitura e da escrita, e durante toda a vida, pois “as crianças que tem contato com as histórias desenvolvem mais a imaginação, a criatividade e a capacidade de discernimento e crítica [...]” (SISTO, 2010, p.3). Compreendemos também que, através dos livros e das histórias que encantam e fascinam o imaginário das crianças, elas são instigadas a criar, imaginar, fantasiar, diante das ideias que lhes são lançadas pelo narrador, levando-as a uma ressignificação da história ouvida, a atribuição de sentidos.

Acreditamos que o estudo da temática é de relevância para a área de educação, principalmente considerando a fase da Educação Infantil, tendo em vista que é nesse período que as crianças começam sua vida escolar e despertam para uma consciência leitora, algo que precisa ser incentivado na escola e fora dela.

Para Silveira (2008), “através da contação de história é possível descobrir novas palavras, deparar-se com a música e com a sonoridade das frases e dos nomes, captar o ritmo e cadência do conto”. Portanto, o contar história para crianças é uma forma de desenvolver nelas o gosto pela leitura, desenvolvendo seu potencial crítico, levando-as a questionar, duvidar, pensar sobre o significado que cada história tem, dos personagens, das palavras do texto, das emoções que cada situação literária expressa.

Diante do exposto, esperamos que este estudo faça avançar o conhecimento na área e nas discussões relativas à literatura e à pedagogia, suscitando novas pesquisas que possam abordar essa problemática.

Como aporte teórico, tomamos como referência os estudos de Leardini (2006), Oliveira (2008) e Medeiros (2005) tratando sobre a interface entre literatura e a pedagogia, a partir da inserção da literatura infantil na educação.

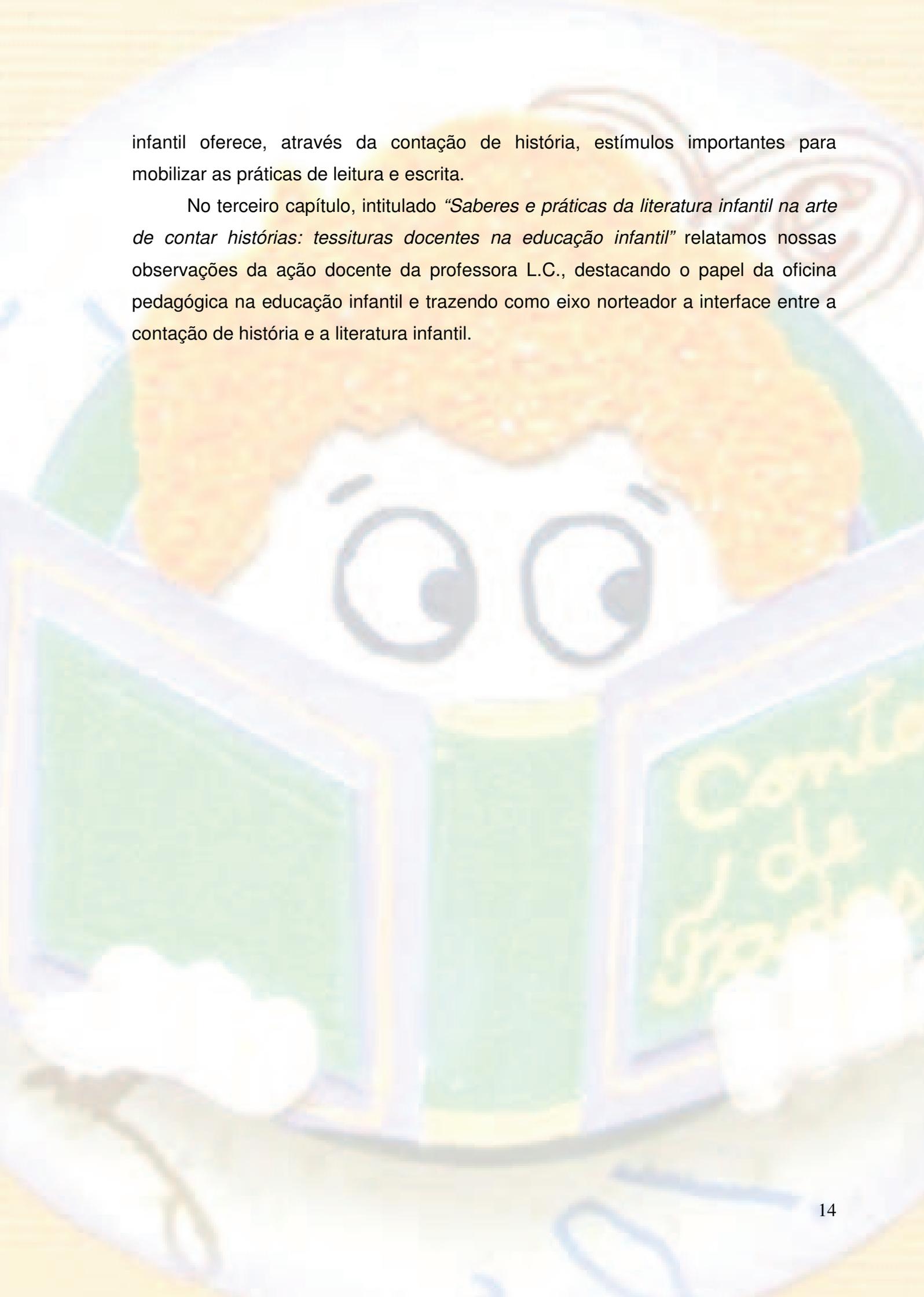
Para alcance do objetivo proposto, optamos por uma abordagem qualitativa, um estudo de caso do tipo etnográfico, baseada nas experiências da prática docente de uma professora de escola pública de Educação Infantil. Esse método foi escolhido, conforme André (1995, p.31), porque há a necessidade em conhecer o que se passa numa situação específica e compreendê-la como uma unidade.

Os instrumentos utilizados foram observações, questionário e a bibliografia específica do tema. A pesquisa foi realizada através das seguintes etapas: leitura dos textos da temática a ser trabalhada; elaboração de um questionário com a professora L.C, sobre sua ação pedagógica em relação à contação de história. A observação e o questionário foram realizados na Escola M.E.I.F. Pedacinho do Céu.

Foram analisadas sete aulas em formato de oficinas pedagógicas. Nestas ocasiões verificamos que a professora utilizou em sala de aula materiais bem diversificados, tais como: desenho, livro com gravuras, fantoches, dramatizações, cd de musica infantil, entre outros. Após as observações foram feitas a análise do questionário e do conteúdo observado nas aulas, que, aliados à revisão de literatura, deram origem a este trabalho.

O lócus da pesquisa foi uma escola municipal, localizada no Distrito de Santa Terezinha, na cidade de Masaranduba, a Escola M.E.I.F. Pedacinho do Céu, cujos alunos e alunas são oriundos do próprio distrito e de sítios circunvizinhos. A escola conta com quatro professoras de Educação Infantil, nos turnos manhã e tarde, e com apenas uma orientadora pedagógica, que se responsabiliza pelo município e não segue diretrizes de um projeto político pedagógico.

Organizamos este estudo em três capítulos. O primeiro introduz os principais conceitos analisados. No segundo, cujo título é a *“Prática docente no contexto da Educação Infantil e a arte de contar história”*, abordamos a educação infantil ontem e hoje, como era e como é vista essa modalidade de ensino, os desafios enfrentados na prática pedagógica, além das possibilidades metodológicas que a literatura



infantil oferece, através da contação de história, estímulos importantes para mobilizar as práticas de leitura e escrita.

No terceiro capítulo, intitulado “*Saberes e práticas da literatura infantil na arte de contar histórias: tessituras docentes na educação infantil*” relatamos nossas observações da ação docente da professora L.C., destacando o papel da oficina pedagógica na educação infantil e trazendo como eixo norteador a interface entre a contação de história e a literatura infantil.

2. A arte de contar histórias na Educação Infantil

2.1 A prática docente na educação infantil

A educação é uma questão primordial no desenvolvimento do ser humano, pois é o meio pelo qual é garantido às outras gerações aquilo que um determinado grupo aprendeu. Diante dos vários problemas da sociedade contemporânea, a educação enfrenta vários desafios num mundo cada vez mais plural, diverso e cheio de contradições, tendo que lidar com o diferente na busca da equidade educativa e social.

Precisamos de uma educação que compreenda as especificidades de cada um, mas que trate o outro como ser “igual” em direitos, sobretudo no direito à vida, a uma identidade, a ser livre etc. Para tanto “só uma educação que tenda para uma cultura realmente cívica partilhada por todos poderá impedir que as diferenças continuem a gerar desigualdades e as particularidades a inspirar inimizades” (STAVENHAGEN, 2001, p.250).

A educação infantil, primeira fase da educação básica, durante muito tempo foi vista sob a ótica assistencialista, e só recentemente a função pedagógica vem sobressaindo aos poucos. No entanto, o desafio enfrentado diante desta questão é justamente a superação desta dicotomia entre o cuidar e o educar.

Efetivamente, a definição social da primeira infância como objeto pedagógico inclui também condições objetivas – demanda de guarda e cuidado das crianças menores de 5 anos – como consequência da inserção das mulheres no mercado de trabalho e das transformações na organização familiar decorrentes dessa inserção. Foram as mudanças nas condições de guarda e na socialização das crianças que possibilitaram a definição da infância como objeto pedagógico – um tempo de preparação e de transmissão cultural – no qual a criança é o *aprendiz intelectual* ao qual devem ser dirigidas práticas de *atividades* intelectuais adequadas à sua idade. Tal fato supõe, por sua vez, a definição mais precisa da criança que se quer educar, ou seja, uma definição das potencialidades da criança e das matérias a serem ensinadas, tarefa conferida ao desenvolvimento e difusão dos conhecimentos psicológicos (MORAES, 2005, p. 91).

Anteriormente, a perspectiva da educação para a criança nesta faixa de idade não era voltada para um ensino que tivesse em vista as competências de leitura e escrita do aluno. Na realidade, nesta modalidade de ensino, a escola seria um espaço de sociabilização do ensino e de lazer. Entretanto, a partir dos estudos

voltados para a educação infantil, verificou-se a necessidade de integração aprendizagem-sociabilidade. Segundo o RCNEI apud PALHARES (2007, p.7):

Polêmicas sobre cuidar e educar, sobre o papel do afeto na relação pedagógica e sobre educar para o desenvolvimento ou para o conhecimento têm constituído, portanto, o panorama de fundo sobre o qual se constroem as propostas em educação infantil (PALHARES, 2007, p.7).

Educação infantil é, portanto, compreendida como a fase do 0 aos 6 anos, tempo em que as primeiras experiências são vivenciadas e os estímulos que são postos têm maior influência sobre o desenvolvimento da criança. Nessa faixa etária, representam um mundo cheio de possibilidades, de vida e de vontade de aprender.

Porém, essa visão é bastante atual, pois a infância só passou a ser pensada como uma etapa da vida e de grande importância, com características e necessidades próprias, a partir dos séculos XVII e XVIII. Um dos pioneiros a falar sobre o assunto foi o francês Philippe Ariès. Para Ariès apud Priore (2008): até o século XII não havia representação para a infância: a criança era vista como um “adulto em gestação” (PRIORE, 2008, p. 10). Em outras palavras, um ser em que a única coisa que o diferenciava de um adulto era o tamanho, pois a criança era vista e representada como um adulto; na forma como se vestia, se comportava e era tratada.

A partir do século XVI, já na modernidade, é que a ideia de infância e a visão sobre a criança é modificada. Isto porque passou-se a perceber as necessidades e os cuidados relativos às crianças, desconstruindo a representação de “pequeno adulto”, que durante tanto tempo vigorou com relação a esta faixa etária. Em alguns momentos era “vista como “santa”, ou como um ser transcendental, um “anjo”, a forma como era representada após a morte” (BRANDÃO, 2007).

A representação da infância do nascimento à morte era configurada, muitas vezes, nas imagens contidas nas pinturas de época, onde cada pintor, a partir de sua impressão da infância, deixava suas evidências em sua arte. Deste modo, para Ariès (1981), no que se refere à criança:

Ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância, que

não fazia sentido fixar na lembrança; no segundo, o da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança: havia tantas crianças, cuja sobrevivência era tão problemática. O sentimento de que se faziam várias crianças para conservar apenas algumas era e durante muito tempo permaneceu muito forte (ARIES, 1981, p.44).

A partir do século XVII os retratos¹ tornaram-se numerosos e o sentimento de representar a criança tal como se configurava naquele momento também. Um século depois começaram a surgir os locais de apoio às crianças das classes populares, as 'casas de exposto' ou 'rodas de exposto'. Lugares onde eram deixados os filhos bastardos, ou seja, aquelas crianças que não eram bem vindas às famílias e também as que não podiam ser sustentadas pelos seus pais. Com o passar do tempo, a necessidade das mães das classes desfavorecidas trabalharem aumentou. Então, foram criadas instituições que atendessem crianças entre 0 e 6 anos, as creches ou salas de asilo. No Brasil, estas instituições surgiram por volta do século XIX. Huhmann (2005) enfatiza que:

As mais pobres, que necessitassem trabalhar, poderiam superar o obstáculo de não ter a quem confiar seus filhos, cuja tenra idade não lhes permite mandá-los para a escola. [...] Com isso define claramente o lugar da creche no conjunto das instituições educacionais de um país: à escola primária antecedem-se as salas de asilo da segunda infância, para crianças dos 3 aos 6 anos, e a creche, para a criança até 2 anos (HUHLMANN, 2005, p. 69).

Durante muito tempo a educação das crianças pequenas foi vista como uma questão assistencial, destinada apenas às primeiras necessidades – higiene e alimentação – mas, atualmente, procurando romper com essa visão, foi criada a LDB apud Carneiro 2008, p.106 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº9394/96), de 20 de dezembro de 1996, que diz em seu art. 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (CARNEIRO, 2008, p.106).

¹ Como a fotografia só vai surgir em meados do século XIX utilizamos a palavra retrato conforme consta na obra de Ariès que consultamos, que se utiliza desta nomenclatura para chamar atenção aos retratos da infância nas pinturas de época.

Essa nova postura, segundo Brandão (2007), “galgada pela educação da criança pequena reconhece e encaminha a criança como sujeito de direitos na sociedade brasileira à qual corresponde deveres do estado”.

Diante disso, RCNEI (1998, p.63) incorporou o que foi colocado na LDB, apontando como deve se organizar a prática da educação infantil, segundo alguns objetivos: desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações; e descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar; estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social; e estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração no espaço coletivo.

Para que um trabalho dessa dimensão seja alcançado é preciso que o profissional da educação infantil tenha uma competência “polivalente”. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), isso significa:

[...] que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (RCNEI, 1998, p.41).

Um “profissional da infância” deve ser, portanto, muito diverso em sua prática, sabendo que nessa fase da vida da criança o cuidar ainda estará muito forte, mas que aos poucos as práticas educativas devem ser inseridas em seu cotidiano, construindo uma educação que vai além da recebida na família. Esse profissional deve ser preparado sabendo que as condições de trabalho são bastante adversas e sua ação “polivalente” deve lhe ajudar a saber lidar com várias situações diante das crianças. E acima de tudo, saber que ensinar exige comprometimento e saber

escutar. Um professor de educação infantil deve ser comprometido com a escola, com o aluno e principalmente com a sua prática, maneira pela qual age com o seu aluno, tendo consciência de que e sua ação interfere na vida do educando.

A prática docente, segundo Freire (1996), deve ser sobretudo uma possibilidade; possibilidade esta de estimular perguntas várias, sem mentir aos seus alunos, buscando ao máximo prepará-los para as várias situações da vida. E ainda segundo Freire (1996), ensinar exige escutar.

Se na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele (FREIRE, 1996, p. 113).

Um professor tem que estar convicto de suas ações, além de ser um excelente ouvinte. Em relação a essa questão de saber escutar, uma possibilidade de se trabalhar isso é com a literatura infantil. O ato de contar e ouvir histórias, com e para as crianças, é algo extremamente importante na educação infantil, apresentando-se como um recurso que permite ao professor trabalhar os conteúdos e desenvolver práticas de leitura e escrita a partir dos textos literários.

2.2 Era uma vez... A arte de contar história na literatura infantil

Contar histórias é uma prática milenar. Porém como a nossa sociedade é dinâmica, mutável, está sempre em constante transformação, e essa prática também passa por constantes reconfigurações. Através dela, o professor pode, em sua ação docente, abordar vários conteúdos, além de desenvolver nas crianças o lúdico, o imaginário, o fascínio por uma boa leitura. Para Busatto (2008):

[...] contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério (BUSATTO, 2008, p.45).

Sendo assim, contar histórias não significa apenas pegar um livro e ler o que ali está escrito, mas criar todo um envolvimento em relação àquela história ou fato,

de tal forma que o aluno ao ouvir um conto de fadas, uma fábula ou mesmo uma lenda, chegue ao nível do que lhe está sendo contado viajando no mundo da fantasia. Desse modo, pode trazer para sua realidade o que nele é expresso, buscando a resolução de seus problemas.

Tendo objetivos diferentes, a leitura deve ser trabalhada de acordo com o gênero textual, e são diversas as maneiras de ler, assim como diversos são os textos e os objetivos de leitura. No que diz respeito ao gênero literário, a escola assume o importante papel não só de apresentar aos alunos um mundo lúdico, prazeroso, divertido e emocionante, como principalmente o de promover ações pedagógicas estruturadas e planejadas, que os levem a compreender e apreciar o universo da leitura e da literatura (BORGES et al, 2010, p. 77).

Assim, a inserção da contação de história na escola é muito significativa para a criança da educação infantil. Considerando-se, sobretudo, que nessa faixa de idade a criança está livre de qualquer preconceito e aberta à aprendizagem. Por isso, o professor tem que ter muito cuidado em relação à escolha do gênero literário que será apresentado, e a forma como isso será feito em sala de aula. Através da leitura e da contação de histórias pode-se valorizar, conforme Busatto (2008, p.37) “[...] as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos”. Além de ser um elemento integrador das diversas áreas do conhecimento, o método pode trabalhar múltiplas temáticas, utilizando a contação de histórias para estimular o gosto pelo ato de ler, e não simplesmente promover a leitura com a intenção de realizar uma atividade de avaliação logo em seguida. A literatura infantil, através da contação de histórias possibilita ao professor e ao aluno diversos fazeres e saberes diante do que foi proposto pelo professor dentro do contexto de sala de aula.

Literatura é a arte de lidar com a palavra e literatura infantil é, antes de qualquer coisa arte, arte de lidar com a criatividade e a imaginação da criança. Conforme Cagnati apud Paço (2009, p.12) é um “fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”. Desse modo, leva a criança a descobrir “mundos” cheios de sonhos, fantasias,

alegrias, num mundo onde a realidade se confunde com a imaginação, fazendo com que ela reflita e modifique ou não seus conceitos, suas expectativas.

Porém, a literatura voltada para o público infantil só passa a existir, a ter espaço no cenário mundial, a partir do século XVIII, quando surge uma nova forma de ver a criança, como ser peculiar, diferente do adulto, com características e necessidades próprias. Para Zilbermann e Lajolo (2007, p.17):

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária (ZILBERMANN e LAJOLO, 2007, p.17).

Para corresponder a isso, seria necessário criar um local onde a literatura pudesse ser disseminada para todos os segmentos da sociedade, e a escola foi, portanto, este lugar que possibilitou a inserção da literatura no processo de escolarização.

Segundo Paço (2009, p.13), “a literatura, desde a origem, sempre foi ligada à diversão ou ao aprendizado das crianças, acreditava-se que seu conteúdo deveria ser adequado ao nível da compreensão e interesse desse peculiar destinatário”. A criança vê, sente e age sobre o mundo de uma forma bem diferente do adulto, e a literatura infantil surge para mostrar esse mundo diferente à criança despertando suas potencialidades. Literatura infantil é, portanto, para Góes (2010, p.83), “a literatura que procura despertar na criança a emoção e o prazer pelo interesse do narrado: oral ou escrito”. Deste modo, concordamos com Souza (2010), em relação à dimensão pedagógica atribuída a obra infantil, ao enfatizar que:

[...] não significa assumir um tipo de literatura diretiva, em que a intenção pedagógica elimina ou reduz o espaço estético. Ao contrário, implica que toda e qualquer narrativa que apresente alta densidade estética traz aprendizagens, seja no campo da ética, da afetividade ou do conhecimento. Aprendizagens que a criança carregará para o resto da vida, amalgamadas em sua personalidade, mesmo que já adulta não recorde nem mesmo uma linha desta ou daquela história. Essa é a natureza pedagógica que a literatura traz em si (SOUZA, 2010, p.18).

Dessa forma, a literatura infantil inserida numa comunidade educativa de crianças de zero a cinco anos, que corresponde à Educação Infantil, pretende-se que seja colocada de uma forma lúdica, prazerosa para que a criança sinta a

curiosidade e desejo por aprender, motivando nela o aprendizado da leitura e da escrita.

Para Debus apud Balça (2005, p.10) a criança nessa faixa etária “ainda não decodifica o código linguístico, mas faz-se leitora e apropria-se da leitura através da mediação do educador da infância”. Para isso o/a professor/a tem que estar informado e mostrar-se curioso sobre as tendências literárias vigentes e, acima de tudo sobre as preferências das crianças, para que possa cumprir de forma satisfatória seu papel, motivando a aprendizagem e despertando o prazer das descobertas.

Em busca disso, a contação de história parte integrante da literatura infantil, traz consigo, além da dimensão pedagógica, a dimensão da criatividade, na qual a imaginação e a fantasia são expressas e desenvolvidas de modo que a criança seja envolvida e possa sonhar, sorrir e viver a história. Percebe-se que os benefícios de se contar histórias são inúmeros e, a partir deles, pode-se chegar a vários objetivos. No entanto, para Villardi apud Leardini (2006),

[...] a leitura de “livrinhos de histórias” é vista por alguns professores como uma forma isolada, muitas vezes não obedece a uma continuidade de planejamento, nem tampouco apresenta objetivos para aproximar a criança do livro. Dessa forma, as atividades relacionadas com o contar histórias perdem seu significado perante as crianças, pois referidos professores até as contam com certa frequência, permitem que elas manuseiem os livros com certa constância, entretanto, a definição clara da incorporação do ato em sua prática não é apresentada (LEARDINI, 2006, p.50).

Portanto, trabalhar com a literatura infantil usando a contação de história é metodologia essencial à educação infantil, pois as crianças nessa faixa etária são fascinadas por histórias, histórias que as levem a viver outras histórias, em outros tempos, de formas diversas, a partir do mundo literário. Conforme Ferreira (2007, p.9) “toda criança gosta de ouvir história. Ela associa a realidade à fantasia e geralmente se identifica com algum personagem”. Essa característica inerente a toda criança, deve ser estimulada pelo/a professor/a para que a criança desenvolva tanto o gosto pelo ouvir e contar a história, quanto o gosto pela leitura além da escrita da história, através do reconto, do desenho, identificação dos personagens, entre outras formas de representação. Dessa forma, o/a professor/a ao contar

possibilita à criança envolver-se e interagir com a história narrada, despertando-lhe a imaginação fazendo com que ela passe a viver o que está sendo contado.

Para que a criança desenvolva essa habilidade de envolver-se com a história o professor deverá elaborar um planejamento onde a criança possa participar ativamente de todo o enredo contado, possibilitando que a criança, ao ouvir a história, identifique-se e projete algo para a sua vida. O contar histórias para as crianças torna-se imprescindível tanto no desenvolvimento de sua oralidade quanto no desenvolvimento de sua escrita.

Sendo assim, a contação de histórias e a literatura infantil andam de mãos dadas à medida que uma surge em decorrência da outra, uma vez que a literatura infantil advém dos contos populares, através da tradição oral, tornando-se base para muitos autores, que visam desenvolver uma literatura voltada para o público infantil. Na educação infantil, fase em que a criança vive o imaginário, o lúdico, o faz-de-conta com mais evidência, a contação de histórias torna-se mais do que essência.

Nessa perspectiva de valorizar a literatura infantil e a contação de história fatores de extrema relevância para a educação infantil, o professor deve, segundo Silva apud Lemos (2009),

Inicialmente, o professor-contador de histórias detém o poder do saber e de organizar em objetivos em estratégias, definindo o que, como, quando e onde contar. Na segunda etapa, o sujeito da ação é o aluno e não mais o professor. Por mais que os comandos sejam os mesmos em um universo de sala de aula, em qualquer faixa-etária lida-se, querendo ou não, com o elemento surpresa, que é a singularidade de cada pessoa. Nesse caso, manifesta na sua forma de perceber e de captar o mundo. Suas experiências atreladas ao contexto imediato, ou seja, a intertextualidade, que aqui é bastante subjetiva, expressa-se na fala ou na escrita do recontador (SILVA apud LEMOS, 2009).

A prática do reconto da história é muito interessante, pois através da brincadeira que é feita com as palavras, os versos, as rimas, o professor adquire uma ótima estratégia de enriquecer sua aula, abordando diversas temáticas, e que ao mesmo tempo seja prazerosa tanto na forma como é feita, quanto no conteúdo que é explicitado na história. É notável que nesta fase da vida da criança as histórias são interessantíssimas, instigantes e motivadoras da aprendizagem, fazendo com

que se divirtam e aprendam ao mesmo tempo. Dentro desse contexto, para Oliveira (2010)

[...] grande é o número de propostas pedagógicas para a educação infantil que têm eleito a linguagem verbal como seu eixo mais importante, dado que permeia os outros organizadores do currículo: o jogo infantil e as várias áreas em que o conhecimento básico elaborado em uma cultura pode ser organizado de modo que favoreça a aprendizagem (OLIVEIRA, 2010, p. 231).

Assim, o profissional de educação infantil, utilizando-se desse tipo de linguagem, possibilita às crianças levantar hipóteses, trocar ideias e fazer observações diante do que lhe é exposto na aula, na “hora do círculo”, onde todas ficam cara a cara, olham “olho no olho” e podem expressar-se como quiserem. Um trabalho educativo onde envolva crianças pequenas deve primeiramente buscar respeitar e captar a infância, ainda segundo Oliveira (2010, p. 184) “na complexidade de sua cultura com sua pluralidade de características”. Diante da diversidade da infância o professor dessa faixa etária também deve adequar-se à determinada realidade através de atividades bem diversificadas, onde a leitura e a narração de histórias seja constantemente realizada na sala de aula e em qualquer lugar que lhe possibilite gerar prazer.

Conforme Cavagnoli et al (2010, p.84) “para as crianças, ler é tanto sinal de inteligência, possibilidade de aprendizagem dos conteúdos escolares, exercício para o cérebro e forma de atender às exigências adultas, como fuga para outro mundo, diversão e prazer”. A leitura não deve ser vista apenas como uma obrigação, desenvolvida só no âmbito de sala de aula, mas ampliada para qualquer espaço, no ônibus, no seu quarto, no parquinho, ou em qualquer lugar onde se sentir vontade. Na escola preponderantemente, deve ser iniciada e a partir daí quando feita de forma instigante, levada para a vida inteira de forma positiva.

Para tanto, uma história capaz de prender a atenção das crianças é aquela que lhes desperta a curiosidade. Para Garcia (2010, p.4)

[...] não é indicado dar qualquer leitura a uma criança, mesmo porque muitas histórias podem passar preconceitos, falsos valores e mentiras, perdendo-se assim, o seu encantamento e a oportunidade de formar bons leitores (GARCIA, 2010, p.4).

Dessa forma, o professor deve selecionar as histórias com muito cuidado, analisando o que há de proveitoso, de educativo, interessante e descartando o que está carregado de valores falsos. Uma história pode vir cheia de preconceitos que fazem de seu conteúdo uma arma prejudicial à criança. Algumas, ao invés de encantar, acaba apavorando o público infantil. Portanto, o professor deve também levar em consideração as preferências de seus alunos. Pois, conforme Alves apud Garcia (2010, p.4) “O lugar da literatura não é a cabeça: é o coração”. Assim, a contação de histórias é um excelente artifício, que o professor pode e deve utilizar para desenvolver, a partir da literatura infantil a leitura, e principalmente o gosto, o prazer de pegar um livro e ler com satisfação e alegria. Tornando-se, assim, acima de qualquer outra coisa, um alimento para a alma.

Nessa ótica, o professor pode utilizar de várias estratégias para desenvolver junto aos alunos a leitura e a escrita. O texto literário é um instrumento facilitador dessa prática, a partir da qual cria-se várias oportunidades de diálogo, buscando compreender o que as crianças sentem e como compreendem determinada leitura. Na “hora do conto”, por exemplo, essa questão pode ser bastante desenvolvida através do levantamento de hipóteses, expressão dos sentimentos e emoções das crianças por meio de desenhos, do reconto da história de forma escrita, representação em forma de dramatização e outros artifícios. Trabalhar com as diversas linguagens da criança torna-se um recurso essencial na educação infantil em relação ao aprender a ler e a escrever. Para Oliveira (2010),

Cada dia mais os professores têm buscado compreender as condições do contexto de aprendizagem propícias ao aprendizado, já desde cedo, da linguagem escrita, vista como objeto cultural com funções e propriedades específicas que serve como suporte de ações e trocas sociais (OLIVEIRA, 2010, p.232)

Desde muito cedo a criança é inserida em um mundo repleto de símbolos, símbolos esses cheios de significados, que é o mundo da escrita. Nessa perspectiva, o texto literário, articulado à contação de história no processo de ensino-aprendizagem das crianças, é um elemento de interação social tanto no que diz respeito à leitura quanto à escrita, um elemento cheio de possibilidades diante de crianças com “fome” de aprender a ver e a ler o mundo que as cerca.

2.3 Nas trilhas da leitura e da escrita: a arte de contar histórias

Ler é mais do que dizer o que está impresso no papel, é tentar adivinhar, compreender o que o autor quis nos transmitir com aquelas palavras. Para CHARTIER apud OLIVEIRA (2008, p.93) “a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros”. A leitura vai muito além do que o autor pode expressar com as palavras impressas no texto, pois cada um que as ler dará uma interpretação, buscando um sentido, um significado diferente diante da leitura de mundo que cada um tem. Brandão et al (2009) argumenta em prol da literatura no mundo escolar:

Diante disso, reconhece-se a necessidade da presença constante da literatura infantil na escola, cabendo aos professores estabelecerem uma relação de prazer entre a criança e o livro, levando em conta o desenvolvimento da criança. Para isso, deve-se abrir um espaço para a expressão livre, apresentando a leitura de uma forma estimulante, despertando o interesse das crianças e tornando os livros tão acessíveis e prazerosos quanto os brinquedos (BRANDÃO, 2009, p. 120).

Sendo assim, quando se lê e quem lê dizem respeito aos conhecimentos prévios sobre o assunto, ao objetivo a que está sendo proposta àquela leitura, além das expectativas dos receptores acerca do que está sendo lido. Pois, mesmo quem não consegue decifrar o código escrito, diante de um texto que lhe é lido, ou mesmo um não-verbal ele consegue expressar suas ideias prévias e compreender ou não o texto que lhe foi apresentado.

Porém, somente por volta dos séculos XVI a XVIII é que uma leitura mais intensiva começa a se disseminar, e a prática de ler para as pessoas que não detinham o conhecimento das letras tornou-se frequente, pois nessa época o índice de pessoas não alfabetizadas era altíssimo. Segundo Oliveira (2008, p.94), “a leitura compartilhada não era no caso uma escolha, mas sim a única oportunidade de grande parte da população entrar em contato com textos, mas de “ouvidos” principalmente religiosos [...]”.

Nesse contexto, só quem detinha algum poder aquisitivo é quem sabia ler e escrever, então essas pessoas liam em voz alta para os que não sabiam ler e assim

as histórias iam passando de boca em boca. Pela oralidade, a contação de histórias foi sendo disseminada por todo o mundo, embora, especificamente nesse tempo as histórias mais ouvidas eram as religiosas.

Atualmente, a diversidade de livros é enorme, e na sala de aula essa pluralidade de gêneros é de grande valia para o professor, que pode proporcionar ao aluno muitas oportunidades para aprender a ler e a escrever. Oliveira (2008) explica a função do texto para os propósitos de letramento:

Uma das principais propostas de inserção do aluno no mundo da leitura é a inserção deste aluno no mundo letrado. É participar de momentos de leitura, mesmo não sabendo ler convencionalmente, é oportunizar a ele o contato com textos diversificados e significativos socialmente, é fazer leitura de “ouvidos”, ou seja, alguém lê o texto para ele. A leitura ouvida é uma das maneiras positivas do aprendiz compreender que o que está sendo lido está ali, no texto, a história, está ali, escrita e pode ser descoberta como uma mágica, é entrar no mundo dos autores, é apossar-se de sua criação: o texto (OLIVEIRA, 2008, p.95).

Dentro desse contexto, a contação de histórias é preponderante no processo de aquisição da leitura pela criança e, conseqüentemente, da escrita. É através do “ouvir histórias” que a criança começa a sentir o gosto pela leitura, pelas letras e passa a querer entender o que ali está escrito. Nessa perspectiva, o papel do professor é para Jauss apud Borges (2010),

[...] o de convidar o leitor para integrar-se no processo de constituição da obra, contemplando-a, entendendo-a e interpretando-a, o que torna a leitura um processo singular e particularizado. Entretanto, é preciso considerar que, ao interpretar um texto literário, o leitor não está completamente livre, mas limitado tanto pela visão de mundo que já possui (suas crenças, princípios e ideias) quanto pelas normas contidas na obra de arte literária (BORGES, 2010, p.80).

Assim, a interpretação de um texto literário ou não é algo muito particular, partindo do pressuposto de que a leitura apresenta um outro modo da criança ver o mundo em que está inserida. O contato com vários tipos de texto abre inúmeras possibilidades de visão e de interação com o gostar de aprender. Nesse processo o professor deve ser um orientador, fazendo com que o seu aluno, a partir do contato

com várias obras literárias, amplie seus horizontes, instigando-o conforme Borges (2010, p.81) “a desvendar as pistas deixadas pelo autor, a expressar os conteúdos intelectuais, sensoriais e afetivos despertados pela obra. E também aproximando os alunos de obras que superem as suas expectativas, os instiguem e os desafiem”, desafiem a pensar além, saindo das páginas do livro para o mundo afora.

Nessa fase é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, compreender os usos que é feito desses textos e principalmente participar dos atos de leitura na Prática. Conforme Oliveira (2008) “a leitura como prática social é um meio e não um fim. Fora da escola não se decodifica letra por letra, palavra por palavra, lê-se textos significativos, com objetivos claros; quem escreveu, porque escreveu, a quem se destina o texto”.

Dessa forma, o RCNEI (1998, p. 122) expõe que “para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem”. Portanto, a leitura feita na escola deve estar relacionada com as vivências fora dela, para que a criança entenda o sentido que a leitura tem além da forma como é expressa graficamente e, isso possibilite a busca por novos saberes e fazeres em relação a essa prática.

A prática de escrita articulada à leitura torna-se importante no processo de ensino-aprendizagem, pois feita a criança entenderá de forma mais fácil esse processo quando uma prática encontre a outra, por intermédio de atividades que desenvolvam tanto a escrita quanto a leitura. Para Cagliari (2008, p.149) “a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita é a leitura”.

Diante disso, é de extrema importância na educação infantil desenvolver atividades junto às crianças, que as possibilitem o gosto pela leitura e que dessa forma elas possam compreender o processo de escrita, entender o porquê se escreve daquela forma, como se escreve e para quê. Atividades que, podem ser estimuladas através da contação de histórias, na “hora do círculo”, ou “hora do conto”, ou como se queira designar o momento. Várias questões podem ser abordadas pela professora, a forma como se escreve as palavras que compõe as cenas que chamam mais atenção das crianças, o nome dos personagens mais

marcantes, representação das figuras, o contexto apresentado, os sentidos que o texto sugere.



3. Saberes e práticas da literatura infantil na arte de contar histórias: tessituras docentes na educação infantil

3.1 A contação de história na Escola Municipal de Massaranduba: As artes de fazer da professora

A contação de histórias é uma prática bastante recorrente em escolas de educação infantil. Melo (2009, p.127) afirma que: “[...] observa-se que as práticas pedagógicas, na educação infantil parecem considerar apenas o tempo referente às atividades planejadas [...]”. Desse modo, a Escola Municipal de E.I.F. Pedacinho do Céu, procura trabalhar essa prática, buscando planejar as atividades diárias para que possa envolver o aluno num “mundo lúdico da aprendizagem” e de uma aprendizagem mais significativa. Assim, através da contação de história leva o aluno a aprender brincando, envolvendo-se na mágica das palavras.

A escola observada está localizada no distrito de Santa Terezinha na cidade de Massaranduba, numa zona da periferia deste município. Possui quatro salas de aula que funcionam nos turnos manhã e tarde, dois banheiros e uma cantina. O ambiente é bem restrito e seus recursos também, pois não há muito espaço para as crianças brincarem. Quatro professoras de educação infantil atuam existe uma orientadora pedagógica que serve a todo o município. No que se refere à gestão administrativa, a profissional aparece na escola todos os dias, porém não há uma sala para que ela trabalhe. Podemos inferir, dadas as condições, que o trabalho desta gestora é muito mais de fiscalização do ambiente escolar, do que uma gestão administrativo-pedagógica que se preocupe com as questões relativas à aprendizagem dos alunos, às necessidades de recursos pedagógicos dos professores e demais questões que fazem parte do cotidiano da escola. Os alunos que fazem parte de espaço educativo são oriundos do próprio distrito e de sítios circunvizinhos, totalizando 120 nos dois turnos de funcionamento e, conforme constatamos, a escola não possui projeto político pedagógico.

Desse modo, destacamos as observações referentes à professora L.C., em sua ação pedagógica, numa sala de aula do Pré II. A professora mostra-se bastante atualizada com as propostas de ensino contemporâneas, utilizando o texto didático como um todo, e não apenas utilizando partes fragmentadas, de modo a inserir as

crianças no mundo das palavras e despertar-lhes o gosto pela leitura. Procura mostrar a leitura como algo prazeroso, e que pode e deve fazer parte do cotidiano da criança.

A professora L.C. mostra em sua prática que a:

Contaçãõ de histórias é imprescindível para os alunos de educação infantil, porque favorece o imaginário, é uma fonte inesgotável de entretenimento e proporciona o desenvolvimento da oralidade, percepção auditiva etc. (PROFESSORA L.C., 2011)

Com base no que a professora L.C. afirmou, podemos perceber que suas aulas enfatizam maneiras de dinamizar a sua ação pedagógica, trazendo materiais diversos, procurando atrair a atenção dos alunos para entender a história e compreender o que ali está escrito.

A *hora do círculo* é o termo designado pela professora L.C. para o encontro destinado à contaçãõ da história. Nesse momento, as crianças dispostas uma de frente a outra podem ter maior interação. É necessário salientar que as crianças se sentem mais à vontade nessas ocasiões proporcionadas pela docente.

Este tipo de estratégia propicia maior entrosamento da criança com as histórias contadas, como também motiva a participação nas aulas, uma vez que o círculo tem um sentido pedagógico, lúdico e foi o meio encontrado pela professora para trabalhar as práticas de leitura e escrita na sala com os alunos.

Nesse momento, o livro da história contada chama a atenção dos alunos pelas figuras e também pelo seu conteúdo, pois elas têm a curiosidade de saber o que está posto ali, além de entender a história; os olhinhos brilham a cada capítulo ou cena, que trazem uma novidade, uma surpresa, fascinando e instigando a imaginação.

Percebe-se, nesse instante, a interação que há entre professora e alunos, pois estes questionam sobre tudo e ela procura responder sobre as questões indagadas. Percebemos, dessa forma, que uma prática dialógica que propicia benefícios para as crianças em relação ao aprendizado da leitura e da escrita, além de aproximá-las das outras áreas do conhecimento, ampliando seu repertório cognitivo, despertando suas potencialidades.

Observamos a partir da prática da professora L.C. que quanto mais se conta histórias para as crianças, mais elas sentem vontade de aprender, conhecendo

novos conceitos e palavras, inclusive verificando a forma como as palavras estão escritas. Este tipo de atitude pedagógica desenvolvida pela professora L.C. permite ao aluno aprendente conhecer “novos mundos” ou “velhos mundos”, histórias que os levam a sonhar com outras histórias a inventar suas próprias fantasias.

Para a professora L.C. é muito importante na prática docente a contação de histórias, pois ela se torna uma ferramenta riquíssima capaz de proporcionar a aquisição de aprendizagem em diversos campos dependendo das intervenções docentes. Nesse sentido, para Tardif apud Medeiros (2005) o professor é

alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos (MEDEIROS, 2005, p.4).

Compreendemos assim que o professor, no que se refere à mediação do conhecimento de mundo e do conhecimento da escola, é uma figura importante no processo de ensino-aprendizagem, pois através da sua prática docente pode motivar a aprendizagem do aluno e propiciar o gosto por aprender, sobretudo no que se refere à leitura e à escrita. Assim, em relação à contação de história, o professor tem que conhecer a história, estudá-la, captar a mensagem que nela está implícita, para que possa a partir daí escolher a melhor forma de apresentá-la as crianças. Para Coelho (1997, p.31) “Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou recurso de apresentá-la”.

Deste modo, os recursos que a autora citada destaca são: a simples narrativa que é uma das formas mais antigas, pois não requer nenhum recurso material e se processa na voz do narrador e de sua postura; a narrativa com o auxílio do livro, nesta a história é contada com este auxílio; além do uso de gravuras, desenhos e etc. Quando passa a envolver o lúdico, os alunos de qualquer faixa etária e, principalmente, os da educação infantil, se aproximam e se encantam mais, com interesse o que lhe é ensinado.

Nesse sentido, Coelho (1997, p.14) mostra que: “Antes de contar a história, precisamos saber se se trata de assunto interessante, bem trabalhado. [...] A linguagem deve ser correta, de bom gosto, simples, sem ser vulgar nem rebuscada”. Para a autora uma boa história deve buscar a simplicidade e o bom gosto na hora da escolha é essencial, visando sobretudo o desenvolvimento da criança.

No que se refere a professora L.C. este tipo de prática docente contribui bastante para o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita. Em suas palavras:

Porque se a linguagem falada precede a linguagem escrita então a contação de história abre leques para o desenvolvimento da escrita no futuro. Mediante a contação de história a criança sequencia fatos, elabora pensamentos, se apropria da linguagem e amplia o vocabulário. Todos esses requisitos estarão presentes na escrita futuramente. (PROFESSORA L.C., 2011)

Além dos aspectos ressaltados, a contação de história estimula o artista que há dentro do professor, levando-o a se expressar de formas diversas, mediante a contação da história, visto que ele deixa de ser o/a professor/a naquele momento e torna-se um amigo de infância, um colega das crianças, pelo jeito com que se posta na narrativa das histórias.

Freire apud Medeiros (2005, p.11) diz que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (MEDEIROS, 2005, p.11).

Neste sentido, para Medeiros (2005) o bom professor é aquele que consegue articular as teorias com a arte de colocar tudo em prática, de forma que não se perceba que está utilizando-as. Implica ser um/a ator/atriz em sala de aula, falar várias línguas para fazer-se entender por todos ou por quase todos, representar cenários. Deste modo, a professora L.C. busca utilizar de várias artes no intuito de envolver seus alunos na trama do aprender, do aprender a ler e a escrever com amor e satisfação, através da magia que a contação de histórias é capaz de construir.

3.2 Oficinas de contação de história: relatos de uma experiência pedagógica

Neste item discutiremos sobre as oficinas pedagógicas desenvolvidas pela professora L.C., no período da nossa pesquisa. Nele abordaremos a organização das oficinas pedagógicas e o reflexo dessas práticas na aprendizagem do aluno.

No que se refere à realidade estudada, através da prática da professora L.C., percebemos a importância que a docente atribui à utilização de novas estratégias que viabilizem o aprendizado de seus alunos. Diante de todas as dificuldades comuns a uma escola pública, como o espaço muito pequeno ou a ausência de material diversificado, a docente se mostra bastante preocupada com as novas formas de agir com uma turma de educação infantil. Assim, segundo Kulisz (2004, p.44), “na docência desse profissional, percebem-se o dever e o poder de realização e de transformação, pois, na sua interação com o mundo, o professor se constrói enquanto cidadão e profissional responsável”.

Desse modo, ficou evidente, durante as observações numa sala de aula da educação infantil, referente à ação pedagógica da professora L.C., que ela busca essa interação com seu aluno, na tentativa de formar um cidadão consciente de seus deveres e direitos perante a sociedade em que vivemos.

Neste sentido, nota-se o comprometimento que um profissional da infância deve ter em relação a seus alunos e a si próprio, quando se trata do poder de transformação que detém sobre as crianças, que é a possibilidade de formar novas ideias e maneiras de ver o mundo. Um profissional que procura envolver seus alunos na trama do saber, do saber ler e escrever e, mais do que isso, compreender e interpretar questões que, muitas vezes, não estão explícitas em um texto, buscando nas entrelinhas o entendimento. Para Freire apud Kulisz (2004)

para que se tenha uma educação humana e transformadora, é preciso conceber a educação de forma dialógica. Assim, para que o professor seja qualificado como um profissional de educação infantil comprometido com o exercício da cidadania, é essencial que a concepção de educação que permeia a sua formação se fundamente no diálogo entre os sujeitos (KULISZ, 2004, p.44).

Dessa forma, observa-se uma nova dimensão do profissional de educação infantil, um profissional atuante, que não ensina apenas os conteúdos explícitos na grade curricular, mas que procura uma maior interação com as crianças,

envolvendo-se em projetos que propiciem uma prática docente inovadora no que diz respeito ao nível de formação de seus alunos. Considerando a realidade estudada, a docente dá muita importância à integração com as crianças, buscando no “faz de conta”, na brincadeira, uma nova forma de fazer educação, levando-as, a partir da contação de histórias, a gostar da música presente apresentada.

Comprova-se assim, segundo Kulisz (2004),

a importância do diálogo no intercâmbio de experiências, fazendo do conhecimento um processo coletivo em que não existam sabedores, e sim comunicadores. Nesse processo, o professor experimenta-se como pessoa. E como grupo de aprendizagem, as pessoas são unidas numa espécie de parentesco de conhecimento, cada um colabora com a experiência de conhecimento e introduz sua própria experiência na construção do mesmo. A pessoa pode experimentar como o outro experimenta a mesma coisa de maneira diferente e como reage diferentemente a ela. Assim cada um pode avaliar sua própria experiência e reações, sem que seja avaliado ou julgado pelos outros (KULISZ, 2004, p.32).

Nesse sentido, o diálogo na sala de aula é muito importante, e a professora L.C. utiliza adequadamente essa prática na *hora do círculo*, momento em que as crianças são dispostas no chão e ficam à vontade para conversar entre si e com a professora, trocando experiências e conhecimentos, na etapa que antecede à contação da história. Nesse instante, conforme Teberosky e Colomber (2003),

as crianças aprendem a esperar mais tempo até ter sua vez de interagir, reconhecem a linguagem narrativa e podem até reproduzir a história que escutaram, fazem previsões sobre a continuação da história, aprendem a prestar atenção, adquirem conceitos sobre o que está impresso, e imitam o modelo de leitor do adulto (TEBEROSKY e COLOMBER, 2003, p.24).

O momento da história é algo que instiga muito a curiosidade das crianças, pois elas se sentem confortáveis para indagar à professora sobre várias questões, além de criarem uma nova história diante da que lhes foi apresentada. A professora L.C. adota vários materiais para dinamizar o *círculo*, atraindo seus alunos adoram esse momento de pura magia e interação. Um professor comprometido com o seu trabalho, em relação à leitura em sala de aula, deve promover leituras interativas, que proporcione aos alunos a imersão dos conteúdos expostos. De acordo com Teberosky e Colomer (2003) que eles:

[...] “entrem” no mundo do texto, que participem da leitura de muitas maneiras: olhando as imagens enquanto o professor lê o texto, aprendendo a reproduzir as respostas verbais, imitando o escutado anteriormente, memorizando histórias, incorporando traços linguísticos dos discursos escritos. Ao escutar a leitura, as crianças aprendem que a linguagem escrita pode ser reproduzida, repetida, citada e comentada (TEBEROSKY E COLOMER, 2003, p.127).

Desse modo, a docente enfatiza em suas oficinas pedagógicas de contação história muitos desses aspectos abordados pelas autoras supracitadas. Trabalha com o reconto da história pelas crianças e adota recursos bem variados para promover a aprendizagem, como desenhos, confecção de fantoches, entre outros. No primeiro dia de nossas observações a professora L.C. organizou a sala da seguinte forma: colocou as crianças em círculo e iniciou citando uma parlenda. Depois, com as crianças ainda em círculo, sentadas no chão, ela passou a levantar hipóteses sobre a história que seria contada. Essa prática induz à interação, pois visa estabelecer maior contato com as outras crianças, gerando envolvimento com o que será narrado no momento posterior.

A professora utiliza o livro como recurso material, e conta a história com entonação diferenciada, para que as crianças entrem em contato com o mundo novo que lhes está sendo apresentado. Em seguida, mostra a capa do livro, menciona o nome da história e o seu autor. Prossegue a contação, folheando as páginas e expondo as imagens, comentando com as crianças sobre cada figura da obra. Ao terminar de contar solicita aos alunos que expressem o que ouviram através de desenhos. Após essa tarefa, as próprias crianças demonstraram umas para as outras, ainda no círculo, o que produziram. Neste momento a docente propicia a seus alunos o compartilhamento de suas ideias mediante o texto não-verbal produzido por eles. Essa etapa corresponde a um momento lúdico, de pura aprendizagem e expectativas.

Nos dias subsequentes às nossas observações, a professora L.C. trouxe outros recursos para apresentar a história às crianças, capazes de incitar seus alunos a indagar sobre várias questões postas pela obra. As crianças verificam o desenho, as gravuras, os fantoches, entre outros elementos de significação. A partir daí constroem suas próprias ideias sobre a história contada, além de recontarem a história do seu modo.

Após a contação, as crianças percebem que a ideia prévia que tinham não convergia com o que foi apresentado. Perceberam assim que, muitas vezes, a aparência, ou melhor, as imagens da capa de um livro não representam exatamente o seu conteúdo. Num dos momentos de contação, isso aconteceu. A professora L.C. apresentou apenas a gravura da capa do livro e pediu que, a partir dela, as crianças contassem a história como elas imaginavam, surgindo assim várias ideias sobre o que poderia ser tratado naquela obra infantil.

Com essa metodologia, a professora L.C. propiciou aos seus alunos uma aprendizagem lúdica, estimulando a imaginação e a criatividade. A docente salientou que: “as crianças adoram ouvir histórias. É nessa hora que eles se acalmam, sentam fazem silêncio. E amo quando vejo o brilho em seus olhos ansiando cada desfecho da história” (PROFESSORA L.C., 2011). Diante dessa prática, para Teberosky e Colomer (2003), “as crianças podem também antecipar os acontecimentos que virão, participando, portanto, de forma interativa na leitura e, desta forma, compreendendo mais profundamente a história” (TEBEROSKY e COLOMER, 2003, p.26).

Nessa perspectiva, percebemos que, antes da contação da história pela professora, as crianças fantasiam sobre o que está sendo apresentado e, depois, percebem as situações de forma diferente. Com a liberdade da imaginação constituem outras histórias, instigando cada vez mais sua criatividade e principalmente despertando o gosto pela leitura. Sempre que acaba uma história, as crianças pedem que conte novamente ou até conte “outra”, e elas passam a contar novos enredos. Nesse sentido, constatamos o quanto a prática da professora é instigante e interessante para a promoção do aprendizado da leitura e, conseqüentemente, da escrita. É importante ressaltar que quando a história termina as crianças sempre procuram saber como se escreve a palavra que mais lhes chamou atenção. Torna-se evidente que o processo do conhecimento foi viabilizado pela oralidade das histórias narradas.

Assim, a ação pedagógica da professora L.C., numa sala do pré II, torna útil e interessante o ensino para àquelas crianças, suscitando práticas de leitura e escrita na educação infantil, aliadas à descrição lúdica de uma determinada realidade. Ouvir e contar histórias desenvolve a imaginação, resgata a cultura oral, incentiva a

escrita, proporcionando ricos momentos de interação e aprendizagem com o aporte da literatura infantil.



Considerações finais

A educação infantil durante muito tempo viveu sob a ótica assistencialista, mas nos últimos anos ocorreram alguns avanços no que diz respeito às questões legais e as novas políticas voltadas para essa modalidade de ensino, buscando promover novas formas de ação pedagógica que ampliem a aprendizagem.

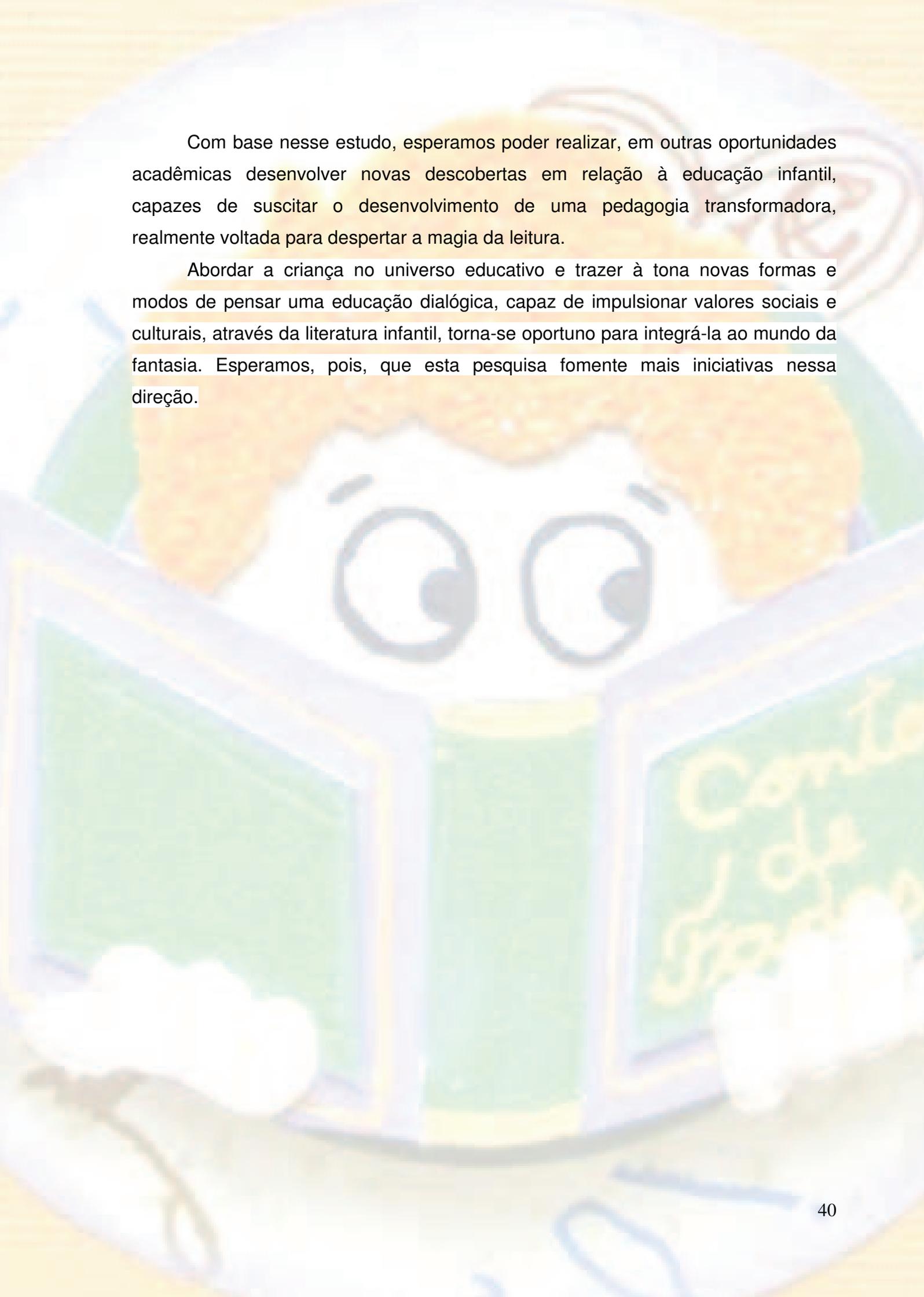
Nesse sentido, o profissional de educação infantil terá que lidar com uma série de mudanças no contexto dessas novas formas de agir. Em relação ao saber e ser docente, Kulisz (2004) elucida que:

Ser docente é um esforço pessoal, um trabalho livre e criativo, com o objetivo da construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional, originada na vocação e no desempenho de seu próprio saber de experiência (KULISZ, 2004, p.17).

Desse modo, o/a professor/a de educação infantil deve colocar-se como um ser atuante, inovador e criativo diante das novas perspectivas do trabalho com crianças pequenas em sala de aula. Uma alternativa é apresentar o mundo lúdico da literatura infantil através da contação de história. Essa experiência se torna muito importante para o aluno, dependendo das ações desenvolvidas pelo profissional docente.

As possibilidades da prática de contação de história em sala de aula são inúmeras podendo-se a partir delas, inserir vários saberes sobre diferentes áreas, possibilitando que a criança aprenda brincando, diversifique seus conhecimentos, a partir de histórias que considerem significativas, alcançando, deste modo, uma aprendizagem efetiva.

Este trabalho de pesquisa nos permitiu perceber a ação pedagógica da professora, sinalizando sua preocupação com a criança pequena, ao fazer com que ela perceba e entenda a leitura como uma forma instigante de ver o mundo, desenvolvendo o gosto pelas histórias contadas através das oficinas pedagógicas. Criando, conforme Kulisz (2004, p.115), “uma prática pedagógica que contemple a criança como sujeito social, dando ênfase às suas manifestações espontâneas, preservando sua identidade social, respeitando seus direitos e o acesso ao conhecimento”.



Com base nesse estudo, esperamos poder realizar, em outras oportunidades acadêmicas desenvolver novas descobertas em relação à educação infantil, capazes de suscitar o desenvolvimento de uma pedagogia transformadora, realmente voltada para despertar a magia da leitura.

Abordar a criança no universo educativo e trazer à tona novas formas e modos de pensar uma educação dialógica, capaz de impulsionar valores sociais e culturais, através da literatura infantil, torna-se oportuno para integrá-la ao mundo da fantasia. Esperamos, pois, que esta pesquisa fomente mais iniciativas nessa direção.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 17. Ed. Campinas/SP: Papirus, 1995.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BALÇA, Ângela Coelho de Paiva. **O feitiço da leitura: o papel da escola na formação de crianças leitoras**. Passo Fundo: Desenredo, 2005.

BORGES, Ana Gabriela Simões (org.). **Leitura: o mundo além das palavras**. Curitiba: Instituto RPC, 2010.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. **A centralidade da maternagem na relação pedagógica da educação infantil: o discurso de docentes e famílias usuárias de creche**. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2007.

BRASIL, Ministério da educação e desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A leitura. In: **Alfabetização e lingüística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2008. p. 147-176

CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CAVAGNOLI, Karen Cristina (org.). **Leitura e infância: a produção dos modos de ser e prática de leitura**. In: Revista Jovem Pesquisador, v. 1. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC, 2010. p. 82-88

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1997.

FERREIRA, Aurora. **Contar histórias com arte e ensinar brincando: para a educação infantil e series iniciais do ensino fundamental.** Rio de Janeiro: WAK ed., 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 39. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Sílvia Craveiro Gusmão. **Leitura e contação de histórias: um exercício imaginário.** São Paulo: UNIRP, 2010. Disponível em: www.alb.com.br/cole-3642.pdf
Acesso em: 28/09/2011

GOÉS, Lúcia Pimentel. A literatura infantil: origem. In: GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Paulinas, 2010.

KULISZ, Beatriz. **Professoras em cena: O que faz a diferença?** In: Cadernos de educação infantil, v. 15. Porto Alegre: Mediação, 2004.

KUHLMANN, Moysés. A educação infantil no século XIX. In: STEPHANOU, Maria.; BASTOS, Maria Helena Camara. **Memórias da educação no Brasil: vol. II: século XIX.** Petrópolis: Vozes, 2005. p. 69-76

LAJOLO, Marisa.; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LEARDINI, Eleusa Maria Ferreira. O contar histórias finalidades e contribuições para a criança. In: **O contar histórias na educação infantil: em estudo acerca dos valores atribuídos por professores sobre a importância dessa prática para o desenvolvimento da função simbólica.** Campinas: UNICAMP, 2006. 133f.

LE MOS, Simone Alves Nepomuceno. **Linguagem e Infância: a Literatura Infantil no Processo de Desenvolvimento da Criança Pequena.** In: Revista científica aprender. 3. ed. Belo Horizonte: Fundação Aprender, 2009. Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/index.php?id=129> Acesso em: 04/10/2011

MEDEIROS, Régis. **Quais os saberes necessários para a prática docente, Freire, Tardif e Gauthier respondem?** In:Revista Eletrônica Fórum Paulo Freire, ano I, n. 1. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2005.

MELO, Glória Maria Leitão de Souza.; BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. (orgs.) **Ser criança: repensando o lugar da criança na educação infantil.** Campina Grande: EDUEPB, 2009.

MORAES, Andréa Alzira de. **Educação infantil: uma análise das concepções de criança e de sua educação na produção acadêmica recente (1997-2002).** Florianópolis: UFSC, 2005.

OLIVEIRA, Cleonice Maria Cruz de. **Da leitura intensiva apresentada por Roger Chartier à leitura de memória defendida por Telma Weisz.** Ano I, n. 1. Jussara, GO: UEG, 2008.

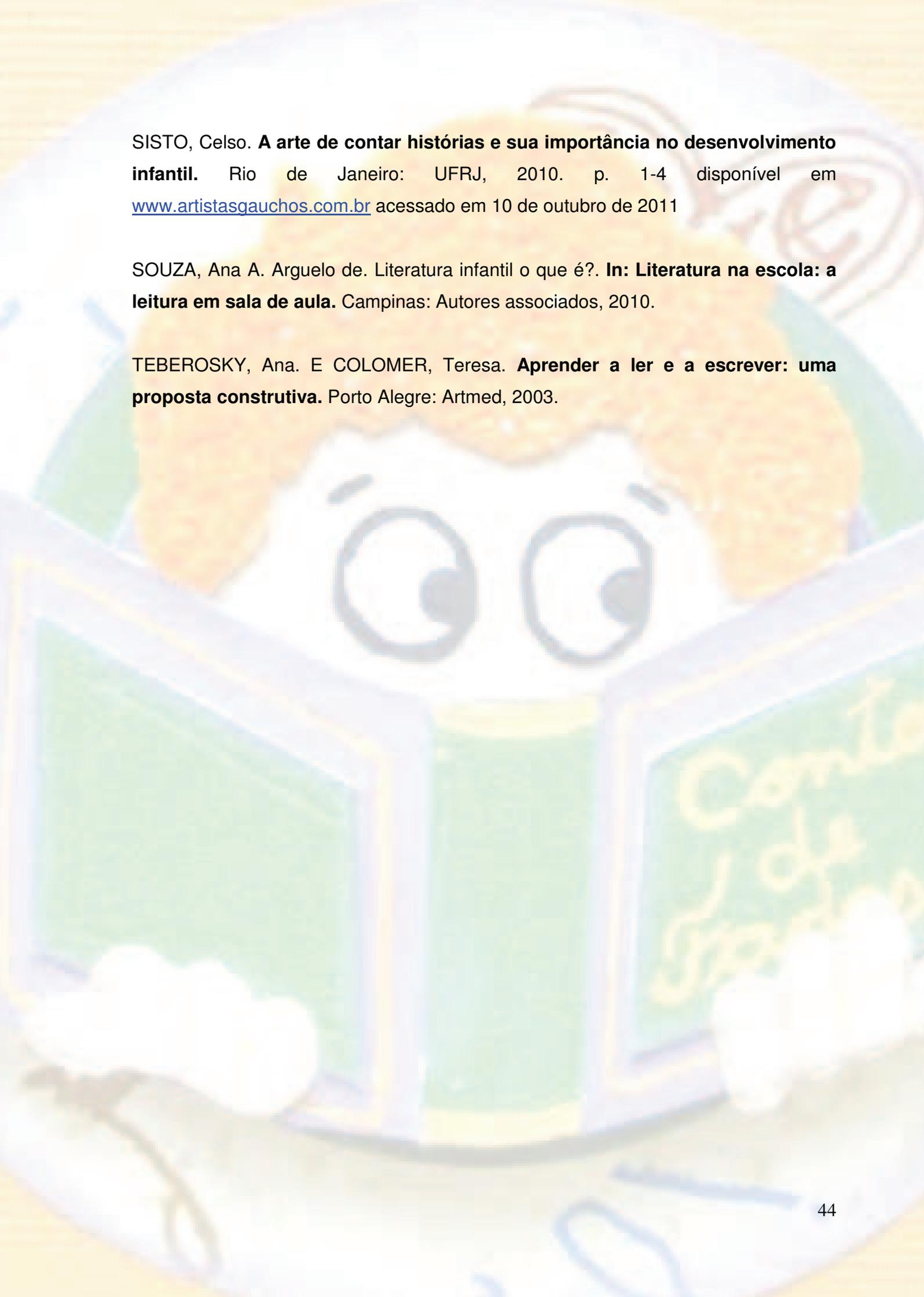
OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **A organização de atividades culturalmente significativas.** In: Educação infantil fundamentos e métodos. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 229-248

PALHARES, Marina Silveira.; FARIA, Ana Lucia Goulart de. (orgs.) **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios.** 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

PAÇO, Glaucia Machado de Aguiar. **O que é literatura infantil.** In: O encanto da literatura infantil no CIMEI. PAIXÃO, Carmem Montes. Mesquita: UFRRJ, 2009.

PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.7-17

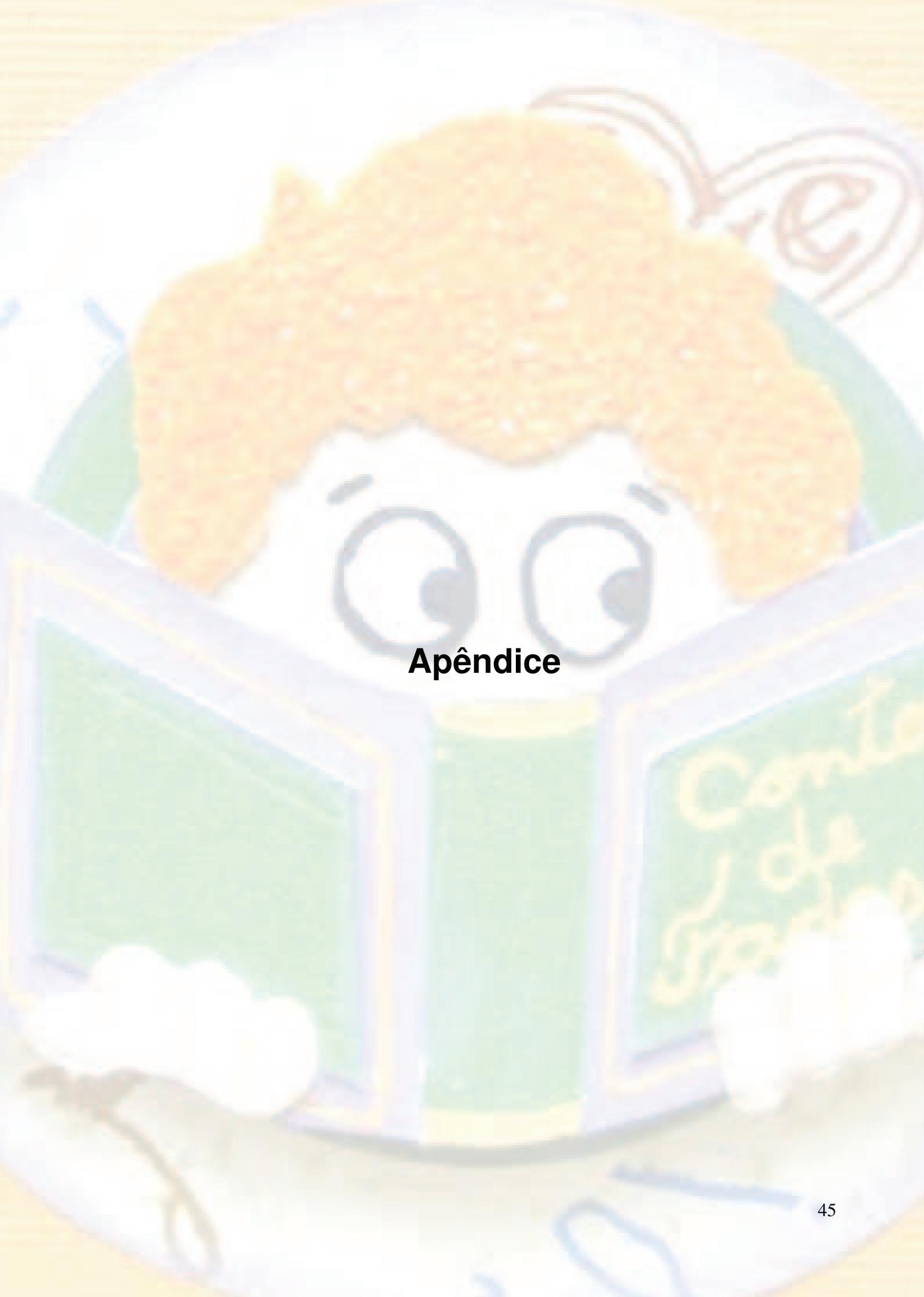
SILVEIRA, Bianca Farias da. **Contação de histórias na sala de aula: um poder mágico!**In:Revista Prolíngua, v.2. n. 2. p. 34-39, dez/2008, UFPB, João Pessoa.



SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. p. 1-4 disponível em www.artistasgauchos.com.br acessado em 10 de outubro de 2011

SOUZA, Ana A. Arguelo de. Literatura infantil o que é?. **In: Literatura na escola: a leitura em sala de aula.** Campinas: Autores associados, 2010.

TEBEROSKY, Ana. E COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtiva.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

A stylized illustration of a young girl with curly blonde hair, wearing a green shirt, reading a large open book. The book's pages are green, and the right page has the text 'Conte / de / France' written in yellow. The background is a light blue sky with white clouds and a brown ground area. The entire scene is framed within a circular shape.

Apêndice

Questionário

I-Dados de identificação:

Nome (ou iniciais): _____

Profissão: _____

Etnia: Branco () Negro () Indígena () Outro ()

Qual? _____

Sexo: Feminino () Masculino ()

Há quanto tempo ensina na instituição? _____

Há quanto tempo ensina na Educação Infantil? _____

II- Para você qual a importância da contação de história na literatura infantil com alunos/as da Educação Infantil?

III- Qual a importância na prática docente da professora desta modalidade de ensino, da contação de história para as crianças?

IV- Por que você em sua prática docente resolveu utilizar a contação de história na sala de aula?

V- Quais os desafios na prática docente do trabalho na Educação Infantil?

VI- Como você percebe a motivação da criança no aprendizado da leitura através da contação de história com a literatura infantil?

VII- Este tipo de prática docente contribui, em sua opinião, para o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita? Por quê?